EAAD'25

Testemunhos 2

EDUARDO FERNANDES
JOÃO ROSMANINHO
LUCINDA OLIVEIRA

2025

TESTEMUNHO

Eduardo Fernandes

EAAD'25
Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

SETEMBRO 2025

Aceitei sem hesitar o convite que me foi endereçado para escrever um dos "opúsculos" do projeto editorial intitulado EAAD'25, que integra um conjunto mais vasto de iniciativas lançadas em 2021 para comemorar os 25 anos da Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho.

Reconheço muito mérito a esta iniciativa, que vai permitir consolidar um registo histórico plural da vida da nossa Escola. No entanto, tenho de confessar que este convite me colocou inicialmente dois problemas: o que acrescentar a uma História que está já feita nos quatro textos anteriormente publicados e como me situar face a uma certa ambiguidade cronológica que esta iniciativa apresenta. A segunda questão, que explico seguidamente, ajudou a responder à primeira.

Sérgio Machado dos Santos, no primeiro volume desta coleção,[1] recorda que a integração da área da Arquitetura no plano de desenvolvimento da Universidade do Minho data de 1991 e que se iniciaram estudos de viabilidade para a criação dessa área em 1994; por outro lado, Paulo Cruz, no terceiro tomo editado, refere que a Escola de Arquitetura teve os seus estatutos publicados em Diário da República em 2009.[2]

Face a isto, parece legítimo questionar qual é o acontecimento fundador a que esta efeméride se refere; afinal, a 15 de dezembro de 2021, comemoraram-se os 25 anos de quê?

(1) Santos, Sérgio Machado, EAAD'25 — *Opúsculo* 1, Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho, Guimarães, 2022, p. 19 (2) Cruz, Paulo, EAAD'25 — *Opúsculo* 3, Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho, Guimarães, 2022, p. 17.

No seu opúsculo 3, Paulo Cruz dá a resposta a esta questão, explicando que 1996 foi escolhido como ano de referência para o aniversário da Escola por ser a data de nomeação da Comissão Instaladora da Licenciatura em Arquitetura.[3] Por sua vez, esta licenciatura (que funcionou pela primeira vez no ano letivo de 1997-98) surgiu no âmbito do Departamento Autónomo de Arquitetura (DAA), que também foi constituído em 1996.[4]

No entanto, sendo indesmentível que o DAA é o organismo que esteve na origem da atual Escola, é importante ressalvar que apresentava características muito diferentes. Por isso, decidi que o melhor contributo que poderia dar a esta iniciativa seria um testemunho de alguns momentos que senti como importantes, na vivência deste Departamento Autónomo, desde o ano em ingressei no corpo docente do seu Curso de Arquitetura (2001) até ao ano em que, por via da criação da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, essa unidade orgânica deixou de existir (2009).

Será um relato pessoal, subjetivo e saudosista, que não pretende mais do que lembrar alguns episódios, pequenas histórias que acredito valer a pena registar nas entrelinhas da História da Escola.

* * *

No dia 8 de janeiro de 2001 enderecei ao Presidente do DAA, Professor Carlos Bernardo, uma carta a agradecer e aceitar o convite que me foi formulado (em contactos informais de responsáveis da Direção do Curso) para lecionar, no ano letivo de 2000-01, a Unidade Curricular de Teoria da Arquitetura I, do segundo ano da licenciatura. Vinha substituir, a meio do referido ano letivo, o arquiteto António Gradim que, por razões profissionais, não poderia continuar a assegurar a sua lecionação.

(3) *Idem*, p. 8. (4) Santos, S.M., *op. cit.*, p. 21.

Assinei um contrato de convidado equiparado a assistente a 30%, válido até ao final desse ano letivo. Vinha integrar uma equipa muito jovem, onde esperava encontrar alguns amigos (antigos colegas de curso), que faziam parte do corpo docente de uma Licenciatura em Arquitetura que estava já em funcionamento há quatro anos.

Na verdade, neste semestre, o meu convívio semanal foi sobretudo com os docentes do Desenho e da História, uma vez que as aulas de Teoria decorriam em dias da semana diferentes em relação às cadeiras de Projeto, onde lecionavam os colegas que eu já conhecia. O encontro com os restantes era menos frequente, mas não deixava de acontecer, em reuniões gerais de docentes ou nos jantares de convívio que, nesta altura, aconteciam com alguma regularidade (com diferentes motivações). Por isso, a distinção inicial entre antigos colegas de curso e novos colegas de Departamento deixou rapidamente de ter significado, do ponto de vista das relações pessoais.

Neste primeiro ano, o momento mais marcante de encontro e troca de ideias foi a exposição de trabalhos realizados durante o ano letivo 2000-01 no curso de Arquitetura do DAA, que decorreu entre 15 e 19 de outubro de 2001 no átrio do edifício principal do Campus de Azurém, assumido como "o primeiro ensaio de um projeto que o Departamento Autónomo de Arquitetura da Universidade do Minho pretende realizar anualmente — uma versão ainda incompleta que tem como objetivo reunir material para uma reflexão coletiva sobre um curso em construção".(5)

No ano letivo seguinte, com a entrada em funcionamento do quinto ano, encerrava-se o primeiro ciclo de estudos da licenciatura e completava-se o corpo docente do DAA. No início desse ano, assinei um contrato de assistente convidado a 100% com a Universidade do Minho, mantendo a docência da Teoria da Arquitetura I e passando a

(5) Texto do folheto informativo elaborado para a ocasião: "D.A.A.RQUITECTURA 00.01 *em 78 estiradores*".

ser também responsável pela Teoria da Arquitetura II, do terceiro ano.

Esta opção implicava que me desligasse definitivamente da docência da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), onde tinha lecionado nos dois anos anteriores, como assistente convidado. Foi uma decisão tomada sem qualquer hesitação, que não deixou de provocar alguma perplexidade em alguns dos meus colegas do Porto. Nunca me arrependi, apesar dos 65 quilômetros de distância entre a residência e o local de trabalho serem hoje percorridos com muito menos entusiasmo do que há 24 anos.

Escolhi integrar um corpo docente jovem, num curso em formação, onde o meu papel poderia ser mais ativo. Em Guimarães, ofereciam-me a possibilidade de ser regente de duas cadeiras teóricas e parecia haver maiores garantias de continuidade para a minha carreira académica, que estava ainda no seu início.

Encontrei um curso construído com base na licenciatura da FAUP, embora adaptado ao sistema matricial que carateriza o modelo de ensino da Universidade do Minho. Como a sua criação pretendia ter como marca diferenciadora uma aposta forte na componente tecnológica, as diferentes áreas da Engenharia assumiam um peso significativo no currículo.

Era, aliás, evidente que a designação "Departamento Autónomo" afirmava uma autonomia que, na prática, não era muito efetiva: o curso integrava o Conselho Pedagógico da Escola de Engenharia e era coordenado por uma Comissão Científica presidida por Carlos Bernardo, mas composta por membros externos ao DAA (quase todos engenheiros): José Mendes, José Cardoso Teixeira, Manuela Palmeirim, Miguel Bandeira e Paulo Cruz. Não podia ser de outra maneira, uma vez que o quadro docente do Departamento não integrava doutorados.

A necessidade de ter o apoio de conselheiros com experiência de lecionação na área da Arquitetura na coordenação do Curso levou à constituição de uma Comissão

Consultiva Externa, formada por Fernando Távora, Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, Joaquim Vieira e Paulo Varela Gomes.[6] Na mediação entre estas duas comissões tornou-se essencial o papel dos membros do Conselho de Gestão, órgão executivo inicialmente constituído pelos dois primeiros docentes do Curso: Maria Manuel Oliveira e Francisco Ferreira.

O plano de estudos refletia os resultados do consenso a que foi possível chegar, no confronto entre a herança pedagógica da FAUP e a malha matricial da Universidade do Minho. A distribuição de serviço do ano letivo de 2002/2003, que está documentada no Dossier de Curso[7] editado nesse mesmo ano, faz um bom retrato desse equilíbrio. Nas áreas mais técnicas, a docência estava integralmente assegurada pela Escola de Engenharia da Universidade do Minho, enquanto nas restantes unidades curriculares havia uma maior diversidade. Nas Unidades Curriculares (UC) de Projeto, os assistentes eram jovens arquitetos (na sua maioria, formados no Porto) com contrato de exclusividade com a Universidade do Minho (os "jovens turcos" de Guimarães, como nos chamava Nuno Portas), enquanto os regentes eram docentes convidados mais experientes, com vínculo a outras instituições de ensino: Sergio Fernandez (1.º ano) e Manuel Fernandes de Sá (5.º ano) eram docentes da FAUP, Fernando Blanco (2.º ano) da Universidade da Coruña, António Belém Lima (3.º ano) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e João Rapagão (4.º ano) da Universidade Lusíada do Porto. Nas áreas do Desenho e da História, as regências também estavam entregues a docentes com experiência de ensino: Joaquim Vieira (professor na FAUP), Paulo Varela Gomes, Jorge Figueira (docentes em Coimbra) e Paulo Pereira (de Lisboa). A regência de UC só era assegurada por docentes mais jovens e inexperientes (eu, o Vicenzo Rizo e o João Rocha) na área da Teoria.

(6) DAAUM. *Dossier de Curso. Licenciatura em Arquitectura da Universidade do Minho. Ano Lectivo* 2002/2003. Guimarães: DAAUM, 2002, p. 6. (7) *Idem*, pp. 11-13.

Face a este quadro, desde cedo se começou a colocar no DAA, de forma muito premente, uma questão que começava a ser incontornável em várias universidades portuguesas: a necessidade de aumentar o número de arquitetos doutorados nos quadros letivos dos Cursos de Arquitetura. O nosso quadro docente não tinha nenhum e, como referia frequentemente Carlos Bernardo, as propriedades matemáticas do número "zero" são muito particulares. Era necessário que alguns dos docentes completassem o seu mestrado (ou uma formação académica equivalente), ao mesmo tempo que se planificava a atribuição de dispensas de serviço para que os que já detinham esse grau pudessem, de forma coordenada, iniciar os seus trabalhos de doutoramento.

Lançava-se também, nesta altura, a problematização da questão — "o que é um doutoramento em arquitetura?" — tema que motivou discussões acesas em vários fóruns, ao longo dos anos seguintes, mas que sempre me pareceu um falso problema, numa área com um historial de, pelo menos, seis séculos de investigação (ou mesmo vinte, se contarmos com Vitrúvio).

Este processo de formação do corpo docente do DAA, iniciado nesta altura, iria prolongar-se por mais de uma quinzena de anos. Entretanto, a vida do departamento prosseguia, com vários momentos dignos de registo.

Em dezembro de 2001 foi enviada aos docentes pelo recém-criado Núcleo Editorial uma circular pedindo propostas de temas para artigos a publicar numa futura revista a editar pelo Departamento. A revista, que inicialmente era designada "A3/A7" (aludindo ao percurso automóvel que muitos docentes faziam, entre Porto e Guimarães) chamar-se-ia depois *Laura* (um nome escolhido de forma quase aleatória, que evocava a atriz italiana Laura Antonelli) e teria o seu primeiro número publicado em outubro de 2003. Destacava-se das suas congéneres por ter uma componente lúdica evidente, que divertia tanto o seu corpo editorial como os seus leitores. Este caráter ficou especialmente

evidente no segundo número, publicado em junho de 2004 e dedicado ao futebol, por ocasião da realização do Euro 2004 em Portugal. A lotação do auditório onde decorreu a sessão de lançamento demonstrou (mais uma vez) o interesse dos alunos nas iniciativas do DAA; este foi também mais um momento de convívio que juntou todo o corpo docente, prolongado no jantar que se seguiu.

Entre 15 e 23 de fevereiro de 2002 integrei pela primeira vez uma viagem de estudo organizada pelos docentes de Projeto do 3.º ano, com passagem por Nimes, Marselha, La Tourette, Lyon, Firminy, Bordéus, San Sebastian e Bilbau. Estas iniciativas, promovidas em diferentes anos do curso e muito participadas, eram realizadas com regularidade, nesta época, e revelavam-se extremamente importantes para a aprendizagem dos discentes, como complemento à formação académica. A propósito de uma destas atividades extracurriculares tive oportunidade de escrever um texto, destinado aos alunos, afirmando que o "Curso de Arquitectura deveria ser uma grande e longa viagem":

"No primeiro dia de aulas, os/as alunos/as do primeiro ano despediam-se da família, dos amigos(as) e namorados(as) e embarcavam em grandes autocarros, equipados com camas, estiradores, computadores e *plotters*, que partiam para destinos previamente traçados.

Do primeiro ao quinto ano, viajavam por Portugal, Europa, América, Ásia, África e Oceânia. Por todo o lado. Visitavam todas as obras maiores das antigas civilizações e todas as obras de referência da arquitectura contemporânea.

As aulas teóricas eram dadas em anfiteatros gregos, catedrais góticas, praças renascentistas, óperas barrocas e átrios de edifícios modernos.

Os trabalhos práticos eram feitos em longas paragens, em sítios adequados aos enunciados dos exercícios. Depois da entrega, a viagem continuava (...)." (8)

(8) Fernandes, Eduardo, "A Viagem", em Silva, João Pedro e Santos, Rita (alunos do Miarq), *Rota Le Corbusier*, (caderno policopiado) Guimarães, EAUM, 2009, p. 4.

Não podendo organizar o curso deste modo, o DAA ia procurando oferecer um conjunto de atividades complementares ao ensino que, na época, tinham grande adesão da parte dos alunos.

Em junho de 2002 realizou-se no Campus de Azurém um conjunto de eventos em homenagem a Fernando Távora, presidente da Comissão Instaladora da Licenciatura em Arquitetura que, com a conclusão do primeiro ciclo de estudos completo (2002-2007), cessava funções. Fiz parte do grupo de trabalho (com Maria Manuel Oliveira, Ana Luísa Rodrigues, Joana Ribeiro, Luis Gil Pita e Jorge Correia) que preparou estas iniciativas:

— Uma exposição sobre a obra de Fernando Távora, inaugurada no dia 14 de junho no novo edifício de Arquitetura do Campus de Azurém, projetado pelo próprio e pelo seu filho, José Bernardo Távora.
— O lançamento de um livro intitulado *Távora*, que constituía uma segunda edição, em português (editado pelo DAA), do Catálogo da referida exposição, anteriormente publicado na Galiza, pela Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade da Corunha.
— Um encontro "sobre o Ensino da História da Arquitetura aos Futuros Arquitetos", cuja sessão inaugural (aberta ao público) contou com a presença de Alexandre Alves Costa e Nuno Portas.

A segunda parte deste encontro decorreu à porta fechada, nos dias 14 e 15 de junho, no Hotel Fundador, em Guimarães, com a presença de docentes de todas as universidades públicas portuguesas. Das sessões, muito participadas, ficou apenas como registo um conjunto de cassetes VHS (que se pretendia usar mais tarde para transcrever as comunicações) e as memórias dos participantes. Nos meus apontamentos, escritos nos momentos em que não tinha de vigiar a máquina de filmar, tenho registadas

as questões iniciais colocadas por Paulo Varela Gomes:

— É importante ensinar história da arquitetura aos futuros arquitetos?
— Qual é o lugar da história da arquitetura nos currículos das Universidades?
— Há uma história da arquitetura para arquitetos?

Confesso que nessa altura me deixou bastante perplexo uma certa unanimidade que carateriza o discurso dos participantes na resposta à primeira questão: partilhavam a opinião de que, "no ensino da arquitetura, a história não serve para nada". Mais tarde percebi que era uma ironia, e o que se queria dizer era precisamente o contrário.

A inauguração da referida exposição sobre a obra de Fernando Távora foi um momento marcante, em que muitos docentes entraram pela primeira vez no novo edifício de Arquitetura. Mas estava ainda longe o dia em que este equipamento seria usado para o fim para que foi projetado, porque ainda estava completamente vazio, sem equipamento nem mobiliário; assim, o seu uso restringia-se a eventos efémeros.

No dia 7 de outubro de 2002, inaugurava-se aí a exposição "Debut", que assinalava o final do primeiro ciclo completo de estudos dos alunos do curso de arquitetura e oferecia uma amostra dos resultados das atividades letivas.

Em novembro desse mesmo ano, as Comissões Científica (CC) e Consultiva Externa (CCE) do DAA deliberaram iniciar um processo de revisão curricular do Curso de Arquitetura, que tinha como prioridade a adaptação às diretivas do chamado "Processo de Bolonha". No início do ano seguinte, fui nomeado para integrar o grupo de trabalho que deveria levar a cabo esta revisão (que também incluía Francisco Ferreira, Pedro Bandeira e Ana Luísa Rodrigues). Os trabalhos desta equipa iniciaram-se no dia 22 de janeiro de 2003 e iriam prolongar-se ao longo de todo esse ano, com reuniões regulares e a elaboração de um relatório preliminar

apresentado às CC e CCE no dia 27 de janeiro de 2004. A reação negativa de vários membros destas comissões à proposta elaborada levou à constituição de uma segunda equipa, que também integrei (com João Rocha e Paulo Almeida), para corrigir os pontos mais sensíveis.

Estávamos, nesta altura, num período atribulado da vida do DAA, em que a sua orgânica interna sofreu sucessivas alterações.

Primeiro, ainda no ano letivo 2002/03, com a saída de Maria Manuel Oliveira do anteriormente chamado Conselho de Gestão (para iniciar uma dispensa de serviço destinada à realização de Doutoramento) e a entrada de dois novos membros para a agora designada Comissão Diretiva, que ficou assim constituída por Francisco Ferreira (Diretor de Curso), Eduardo Fernandes e Paulo Almeida.

No ano letivo seguinte, na sequência de divergências estratégicas com a Comissão Científica, a Comissão Consultiva Externa cessa funções.

Em setembro de 2004 tem início a dispensa de serviço de Francisco Ferreira, que implica uma nova alteração na Comissão Diretiva: para o substituir na direção do curso foi nomeado João Rocha, que tinha defendido a sua tese no ano anterior e era agora o único docente doutorado do DAA.

O início do ano letivo de 2004/05 ficou também marcado pela mudança definitiva do curso de Arquitetura para o seu novo edifício e pela mudança da presidência do DAA; o novo presidente, Paulo Cruz, entra em funções em outubro de 2004.[9] No final desse ano letivo a Direção de Curso vai sofrer nova alteração, com a saída de João Rocha (que cessa a colaboração com a UM para assumir a Direção do Curso de Arquitetura da Universidade de Évora) e a sua substituição por Paulo Mendonça, um novo docente recentemente doutorado.

(9) Cruz, P., *op. cit.*, p. 7.

Em novembro de 2005, a circular DAA#2 retoma a questão da reformulação do Plano de Estudos do Curso de Arquitetura, estabelecendo um conjunto de linhas mestras a que deverá obedecer o exercício e definindo prazos para apresentação de conclusões dos novos grupos de trabalho, que agora integravam todos os membros do corpo docente. Todo o trabalho deveria estar terminado no início de 2006, para se iniciar o processo de aprovação interna e externa da nova proposta.

O processo de conceção deste novo plano de estudos foi muito participado, mas não deixou nenhum registo para além do estritamente necessário à sua oficialização. O Mestrado Integrado em Arquitetura assim criado entrou em funcionamento no ano letivo de 2006/07. A sua implementação implicou também uma mudança estratégica na gestão dos convidados externos: a regência de todas as UC de Projeto, Desenho e História passou para os docentes do quadro letivo do DAA, o que implicou que os docentes que acumulavam funções letivas em outras instituições se desligaram do DAA.

Entre 2005 e 2008 estive em dispensa de serviço para realização de trabalhos de Doutoramento; quando regressei, encontrei um curso de Arquitetura muito diferente e um Departamento que se preparava para ganhar estatuto de Escola. Mas esta é outra história, que já não faz parte dos objetivos deste texto.

A Escola de Arquitetura, que nasceu em 2009, é hoje muito diferente do DAA; desenvolveu-se num processo de crescimento, alcançado a vários níveis: mais autonomia, mais cursos, mais docentes, mais edifícios, mais investigação, mais prestigio. Mas, paralelamente a esta narrativa de sucesso, é também forçoso reconhecer que se perderam qualidades, porque se atravessou um conjunto de crises de crescimento que alteraram profundamente o DNA inicial.

TESTEMUNHO

João Rosmaninho

EAAD'25
Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

OUTUBRO 2025

Breve texto sobre a Licenciatura em Arquitectura da Universidade do Minho (1997-2002)

Prolegómeno

Este texto resulta de um convite para contribuir para "a história dos primeiros 25 anos da Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho" com uma pequena reflexão escrita até um máximo de 15.000 caracteres. Confesso, todavia, que, apesar da resposta aqui experimentada ser insuficiente e imprecisa, ela é sobretudo parcial. Com efeito, é com esse ónus que aceitei escrevê-la.

Para começar, o texto que ora se lê observa apenas um quinto dessa história, no seu início, ou seja, considera somente os primeiros cinco anos de construção da Escola de Arquitetura, Arte e Design (EAAD). A justificação é simples. Por um lado, foi durante esse quinquénio que estive inscrito como estudante da licenciatura em arquitectura na Universidade do Minho (UMinho), detendo o número mecanográfico 24072. Por outro, a informação reunida não é tanto um corpus verificado, mas um elenco de circunstâncias que se tornarão mais ou menos relevantes, pelo menos para quem escreve ou, assim o espero, para quem lê.

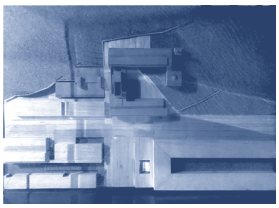
Reconhecendo o período que vivi enquanto voraz estudante como um momento pedagógico especial e experimental, procurarei tecer um fio de sentido com origem em eventos, sem ligação aparente, decorridos entre os longínquos Outonos de 1997 e 2002. Em jeito de síntese do género de Bildungsroman, permitir-me-ei recuperar partes da minha formação num processo falível de memória e apoiado em algumas imagens com fraca resolução.

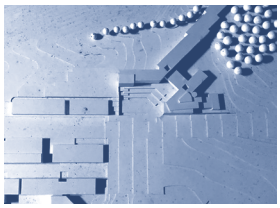
Início

Tornei-me estudante na UMinho em Outubro de 1997, no dia em que fiz 18 anos. Estudara oito anos numa escola em Lisboa, no Colégio Militar, e preparava-me para estudar numa outra, bem diferente, em Guimarães. Mudara-me do CM para a UM. Sendo nativo do sudoeste Alentejano, acabara de entrar numa universidade noutra ponta do país, a Norte, na região Minhota.

O(s) edifício(s)

Não estudei no atual edifício da EAAD desenhado por Fernando Távora e José Bernardo Távora mas em dois pavilhões pré-fabricados cuja autoria sempre desconheci. Aliás, continuo a não conhecer a autoria dos vários projectos de arquitectura submetidos a concurso para o "Edifício da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho em Guimarães".(1)





1 Maquetas de dois projectos do "Concurso Limitado por Prévia Qualificação ao nível do Estudo Prévio". Setembro de 1996.

(1) Faltará, porventura, fazer o mapeamento e a análise deste processo, até para compreender se as várias propostas arquitectónicas poderiam ter afectado diferentemente o ensino, a aprendizagem e a investigação na EAAD e, com isso, a sua identidade.

Ainda que potencialmente temporários e estreados em compasso, um abriu em 1997 e o outro no ano seguinte, em 1998,[2] estas construções nunca terão diminuído a minha experiência (universitária) de aprendizagem, antes terão proporcionado um sem fim de episódios dificilmente ocorridos em ambiente tão formal quanto o do edifício definitivo e vencedor do dito "Concurso Limitado".

Em 1997/1998, as actividades começaram num pavilhão construído exclusivamente para acolher as duas mais recentes licenciaturas da UMinho (abertas nesse ano lectivo no Campus de Azurém): Arquitectura e Geografia e Planeamento. Desde logo, estreava-se algo marcante no ensino da EAAD e que era a redução dos espaços pedagógicos, em número mas não em área. A sala de aula, única, partilhava uma qualidade própria dos espaços industriais, que é a de ter um vão amplo e nele se poderem 'enfiar' cerca de 60, 70 estudantes. Tal situação, de resto, permitiu a inclusão num só espaço, sem divisões ou separações, de mais de meia centena de estiradores, revelando logo aí um certo encanto pelo espaço comunal mas, também, pelo caos organizado. Esses estiradores compunham, na verdade, formas não derradeiras, como se de uma superfície instável de tampas brancas rectangulares fosse acontecendo a cada dia, a cada hora, consoante as opções de quem usava o espaço e o equipamento. Entre 1998 e 2005, ocupámos um outro pavilhão (denominado de P.04, na nomenclatura dos Campi) erigido nas traseiras de uma correnteza de aspecto ferroviário (o P.03).[3] Nesse segundo lugar, multiplicou-se somente a sala única por quatro vezes mas mantiveram-se as características da original. Previa-se quatro anos, no máximo, de funcionamento naquelas instalações. No fim, foram mais. Com a devida distância e modéstia, muitas escolas de

(2) Estes pavilhões, apesar de terem passado por dois momentos de requalificação e reprogramação de usos mais significativos, mantêm-se firmes. Sendo provisórios, contam com quase trinta anos de idade. (3) Local onde posteriormente se implantou um edifício verde borbulhoso, o Fibrenamics — Instituto de Inovação em Materiais Fibrosos e Compósitos, desenhado por Cláudio Vilarinho (alumnus da licenciatura em arquitectura da UMinho) em 2011.

arquitectura exploraram este modelo espacial e pedagógico promovendo, ao mesmo tempo, a prática projectual crítica e colectiva apoiada num comportamento social partilhado e aberto.(4) De certo modo, a arquitectura encontrava-se nas costas do Campus, só acessível por um conjunto de escadas exteriores que viriam a ser pintadas, em manifestação frásica que abordarei mais à frente. Com programa centrado nas cinco cadeiras anuais de Projecto (unidade curricular anual e comum do 1.º ao 5.º ano, cada uma com doze horas lectivas semanais), o segundo pavilhão revelava novamente uma apetência para o encontro e a reunião de estudantes e docentes. Todos os implicados se cruzavam no interior dos espaços pedagógicos, as salas de aula, permitindo o desejo e a desordem. Com área de circulação irrelevante e espaço de estar irrelevante, eram as salas de aula os lugares de reunião e conflito. Hoje, talvez por isso, reconheço que o contacto e a amizade estabelecidos com alguns dos meus professores terão sido cultivados nessas salas.

2 Sala de 4.º ano. P.04. Maio de 2001.

A dado momento, ainda na Primavera de 1998, toda a comunidade académica da licenciatura em arquitectura da UMinho foi convidada para conhecer o projecto vencedor do "Concurso Limitado por Prévia Qualificação ao nível do Estudo Prévio" para o edifício da EAAD. Com apresentação

(4) Esta tipologia terá sido experimentada e nobilitada em projectos como o do IUAV em Santa Marta, Veneza, desenhado para o antigo Cotonificio por Gino Valle nas décadas de 1980 e 1990, ou o Gund Hall da Harvard GSD, desenhado por John Andrews entre 1967 e 1969.

pelo próprio Fernando Távora, no Auditório B1.13 da Escola de Engenharia,[5] o assunto sobre a amplitude das salas de

3 Assembleia geral do DAAUM. Auditório B1.10, EE. Junho de 2000.

aula de Projecto foi tema colocado ao arquitecto.

Generoso, prometeu pensar no assunto, quando chegasse à fase de projecto de execução. Hoje, talvez por isso, o actual edifício tem salas vastas no piso 2, o último, capazes de instalar 48 e 72 estudantes e estiradores cada uma, tal e qual a sala única do pavilhão original.[6]

Os mestres

De certo modo, encabeçados por Sergio Fernandez (na área de Projecto) e Joaquim Vieira (na área de Desenho), Maria Manuel Oliveira, Francisco Ferreira, Paulo Ferreira, Susana Vaz, e Paulo Almeida foram os jovens docentes que inventaram (inadvertidamente) um modo peculiar de fazer e viver uma escola de arquitectura. Ensinando e aprendendo, gerindo e dirigindo, pensando e desenhando, viajando e fotografando, este foi o conjunto de docentes que abriu a EAAD juntamente com os cerca de 60 novos estudantes da

(5) Edifício desenhado em 1985 por Bartolomeu Costa Cabral (com Maurício de Vasconcelos e Carmem Daenhardt), concluído em 1989, e que acolheu todas as actividades pedagógicas da licenciatura em arquitectura da UMinho que não fossem Projecto. (6) No seguimento desta evolução (ou alteração?) do projecto do edifício, pergunto-me se as actuais aberturas entre as salas de aula de Projecto nos pisos 0 e 1 não terão origem nessa apresentação e discussão com estudantes de 1.º ano da licenciatura em arquitectura?

UMinho em 1997.[7] Num ano ou noutro, todos acabaram por ser meus docentes. Seguiram-se, ainda assim, outros professores como Fernando Blanco, António Belém Lima, Elisiário Miranda, Joana Ribeiro, Pedro Bandeira e Carlos Guimarães (na área do Projecto), Ana Luísa Rodrigues (na área do Desenho Assistido por Computador), Manuel Mendes e Vincenzo Riso (na área da Teoria), Domingos Tavares, Paulo Varela Gomes ou Paulo Pereira (na área da História), entre tantos, que terão completado o círculo principal de docência nos primeiros cinco anos.

E o espanto era de que os docentes, essa gente por vezes demasiado académica, eram acessíveis. Andavam perto. Ainda que os admirássemos, a distância entre nós esbatera-se, comprovando-se estranhamente curta. Como se o espaço exíguo dos poucos corredores obrigasse a que nos encolhêssemos na passagem, complementando a tradicional convivência com acentuada conivência.

Neste período, tanto eu quanto aqueles que tive o privilégio de conhecer na mesma condição, longe de casa, nos sentíamos livres e úteis, participando no arranque de algo. Havia as ideias em que acreditávamos e os tais docentes que nos inspiravam, afinal. Muito jovens, à época, os docentes detinham a mesma (ou até mais) energia que nós, os estudantes. Tratados que eram pelo nome e não pela profissão, fizeram-nos sentir uma qualquer brisa fundacional, uma espécie de segredo público repartido por todos os que ali se conheceram e cruzaram.

Por alguma razão, acabei a estudar no Inverno de 2001 para um teste de História da Arquitectura Moderna, na Vill'Alcina, em Caminha. Tudo servia para encontrar argumentos para a observação de arquitectura, resultando esta num bando de estudantes mais sôfrego de experiências

(7) Não pretendo retirar qualquer importância à inicial Comissão Instaladora ou à posterior Comissão Consultiva Externa, muito menos ao entretanto criado Conselho Científico do Departamento Autónomo de Arquitectura da UMinho (DAAUM). Sucede que este testemunho se baseia numa experiência de estudante e estas foram as pessoas com quem me cruzei insistentemente, ao invés daquelas pertencentes a órgãos de âmbito mais institucional.

do que de sebentas. Inesperada e inacreditavelmente, Sergio Fernandez, autor e dono da moradia em causa, aceitou que quatro ex-educandos se tornassem seus cúmplices e tivessem a oportunidade de estudar as histórias da história da arquitectura numa casa de férias antológica. Não me lembro da nota que obtive no teste, obviamente.

4 Quatro estudiosos de história da arquitectura. Vill'Alcina. Fevereiro de 2001.

Os cúmplices

Foram tantos. São tantos. O Frederico, o Gil, a Joana, o António, o Hugo, o César, a Maria, o Brito, a Alexandra, o José, a Marlene, a Sofia, o Pedro, o João, o Tiago, o Vasco, a Susana, a Elisabete, o Ribau, a Ana, a Marta, o Wilson, o Ivo, a Rita, o Duque, a Inês, o Daniel, entre outros, formavam não mais do que um fórum de debate bravio, produto de noites em branco e algumas outras opções pouco recomendáveis. Todos eles,[8] arquitectos neste e deste mundo, manter-se-ão na memória com a mesma cumplicidade daquela praticada nos micro-terrorismos activados no Campus. De certo modo, a pequena cidade de Guimarães e os esquecidos pavilhões encontrar-se-ão hoje dispersos entre Barcelos e Barcelona, passando por Tóquio, Toronto, Brooklyn, Londres, Lyon, Basileia, Corunha, Porto, Coimbra, Lisboa, entre outros lugares suspeitos.

(8) À excepção da Marlene Sousa que nos deixou precocemente e sem aviso em janeiro de 2020.

No meio desta gente formou-se ainda o Grupo dos Espaços Sobrantes (GES), cujas manifestações foram colorindo um Campus de Azurém algo cinzento. Em suma, o GES tornou-se um lugar onde se cometiam disparates próprios da idade mas onde se permitia que estes formassem um lado B da licenciatura em arquitectura.

As actividades

Aponto quatro exemplos.

Um primeiro terá acontecido numa noite Invernal, baseado numa razão que admito hoje não recordar. O objetivo era cobrir de preto uma estátua vermelha e branca localizada nos jardins a Sul do Campus.[9] Como se algo estivesse de luto. A acção, demasiado planeada contudo mal executada, ter-se-á iniciado por volta da meia-noite e complicado até amanhecer. Da confusão, descobertos que foram os seus autores, permanecerá um auto redigido pelos vigilantes do Campus, explicitando que vários estudantes "jogavam ao esconde-esconde nos terrenos da cantina às cinco da madrugada".

5 Natal negro. Devorador de Automóveis. Dezembro de 2000.

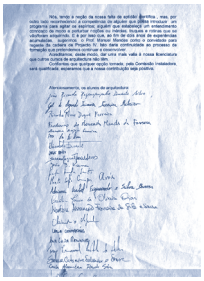
Um segundo acto performativo terá sido uma frase escrita (dir-se-á 'stencil' no léxico actual) no espelho do último degrau das escadas de acesso ao P.04. "Já estamos fartos do Álvaro" teve então a sua história. Pintada no exterior do pavilhão, seria tão só a primeira de várias frases semelhantemente impacientes e com nomes distintos. A cada degrau corresponderia uma formulação. No fim, o acesso ao pavilhão aconteceria após um processo de leitura textual e com variação de nomes familiares, como Fernando, Eduardo, Domingos, Alexandre, etc. Porém, não dominando a arte urbana nem a técnica performativa, os moldes em escantilhão desgastaram-se após a primeira pintura... o que inviabilizou a escrita dos restantes degraus. Apesar do insucesso nestas acções ser garantido, nada se concluindo como previsto, continuámos. E se a vontade era escrever um parágrafo, uma frase acabou por chegar.

Seguimos para um terceiro exemplo que foi a publicação de um jornal de parede. Com título homónimo do pavilhão que o acolhera, o P.04 (lê-se "pê zero quatro") foi uma publicação de apenas uma edição e uma cópia. Sem formato impresso em papel mas em cartazes rígidos de grande dimensão, pretendia consumar-se como meio usado pelos estudantes para representar a sua condição, em simultâneo, fecunda e incerta. Lamentavelmente, a vontade de fazer era muita mas a organização era péssima. Para não variar, o malogro manteve-se.

Por fim, chegamos ao quarto exemplo com um manifesto escrito em Maio de 2000 a sugerir um professor para Projecto IV. Apesar de o pedido ser inequivocamente ingénuo, não deixa de ser expressivo admitir que estudantes tenham ambicionado ser proponentes dos seus próprios docentes. Basicamente, num texto algo críptico, um grupo de estudantes com base no GES pedia que a Comissão Instaladora considerasse Manuel Mendes para regente de uma cadeira distinta daquela que vinha leccionando no

(9) Escultura em betão desenhada e pintada por José de Guimarães em 1991 e denominada "Devorador de Automóveis".

DAAUM. Não digo que fosse este o caminho certo de uma escola mas, pelo menos, foi um que denunciou o empenho de estudantes que tive o privilégio de conhecer durante os primórdios da construção da EAAD.



6 Documento com proposta para docente. Maio de 2000.

Este período de cinco anos terminou em modo festivo, como não podia deixar de ser, em Outubro de 2002, com a inauguração informal do novo edifício da EAAD sob pretexto de uma exposição de trabalhos intitulada "debut.". Nessas semanas, deu-se enfim o encontro dos primeiros diplomados em arquitectura pela UMinho com a escola que nunca tiveram.

7 Exposição "debut.", Edifício da EAAD. Outubro de 2002.

Segundo início

Tornei-me entretanto docente na Universidade do Minho em Outubro de 2002, no dia em que fiz 23 anos. Somara ali quatro anos seguidos de um em Itália, em Veneza (no âmbito de um programa de mobilidade Erasmus+) e preparava-me para começar a fazer um portefólio que permitisse candidatar-me a uma vaga de estágio em algum escritório de arquitectura que aceitasse recém-licenciados. Durante a tarde, ligou-me Francisco Ferreira, então Director da Licenciatura, perguntando-me se aceitava ser monitor de Seminário, uma cadeira do 5.º ano que eu não conhecia nem tinha frequentado (por ter passado o ano lectivo anterior no IUAV). Aceitei imediata e institivamente, mal não me faria e o portefólio poderia sempre ficar para depois. No pior dos cenários, seria um ano de experiência na área do ensino.[10] Ainda cá me encontro, sem portefólio. Talvez daqui a vinte e cinco anos possa escrever sobre os acontecimentos que se seguiram.

Texto concluído em Outubro de 2025,
no dia em que fiz 46 anos.

(10) Lembro-me que, na primeira aula da tal cadeira para mim inédita, e sem que a turma soubesse do convite que me fora endereçado para ser monitor, me sentei ao lado dos cúmplices habituais, do lado oposto ao do docente mas do lado que, para mim, era o certo. Foi, pois, com estes primeiros estudantes que arranquei para uma vida de ensino com quase vinte e três anos!

TESTEMUNHO

Lucinda Oliveira

EAAD'25
Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

OUTUBRO 2025

É com profunda honra que aceitei o convite do Senhor Presidente da Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho, Professor Paulo Jorge S. Cruz, para contribuir com um testemunho pessoal sobre os primeiros 25 anos da EAAD. Tendo acompanhado de perto a evolução da Escola ao longo de quase todo este percurso, desde setembro de 2001, considero este convite não apenas um reconhecimento, mas também uma oportunidade de partilhar memórias vividas, sentimentos acumulados e impressões que se foram enraizando ao longo do tempo.

O título que escolhi para este texto, "Do Pavilhão às paredes de um edifício", procura sintetizar de forma simbólica o crescimento e amadurecimento desta casa. Quando entrei para a Escola, há 24 anos, a realidade era muito diferente da que conhecemos hoje. Nessa altura, o então Departamento Autónomo de Arquitetura oferecia apenas o curso de Arquitetura, que começara a funcionar em 1997/1998, e todo o funcionamento académico e administrativo decorria num pequeno pavilhão pré-fabricado, marcado por condições físicas modestas, mas por uma energia fundadora muito própria, feita de entusiasmo, resiliência e visão de futuro.

Esse espaço tão reduzido, aliado ao número ainda pequeno de alunos e professores, a maioria pertencente à primeira fornada do curso, favorecia um ambiente muito próximo e informal, quase familiar. Havia uma grande cumplicidade entre todos: conhecíamo-nos pelo nome, partilhávamos o dia-a-dia de forma intensa e genuína, e essa proximidade criou laços humanos e profissionais que perduram até hoje. Era um tempo de construção, não só de conteúdos curriculares ou estruturas administrativas, mas também de uma cultura de Escola baseada na cooperação, no diálogo e num forte sentido de pertença.

O ano de 2004 marcou uma viragem determinante com a mudança para o edifício atual, pensado e construído com a dignidade e a ambição que o ensino da Arquitetura, e mais tarde das Artes e do Design, mereciam. Com ele, a Escola ganhou corpo, identidade e presença física, académica e simbólica, dentro da Universidade do Minho e no panorama nacional e internacional.

Este texto não pretende ser uma história exaustiva nem um levantamento cronológico detalhado. Será antes uma memória pessoal, marcada inevitavelmente pela minha experiência profissional e pelas relações humanas que fui estabelecendo. Pretende destacar momentos e marcos que, no meu entender, ajudaram a definir o que hoje é a EAAD, não apenas como um espaço de formação e investigação, mas como uma comunidade viva, exigente e profundamente comprometida com a qualidade, a criatividade e o serviço público.

Cheguei à Escola em setembro de 2001, e apesar das limitações materiais e da informalidade dos processos, naturais numa estrutura ainda em consolidação, encontrei desde o primeiro momento um ambiente humano acolhedor e profundamente inspirador.

Recordo com especial gratidão duas figuras que, na altura, integravam a Direção do então Departamento Autónomo de Arquitetura, e que me marcaram profundamente pela forma como me acolheram: a Professora Maria

Manuel Oliveira e o Professor Francisco Ferreira. O seu exemplo de proximidade, generosidade e disponibilidade deixou uma impressão duradoura e contribuiu de forma decisiva para que me sentisse integrada e motivada a contribuir para este projeto coletivo.

A Professora Maria Manuel Oliveira, com a sua sensibilidade, clareza e sentido de missão, foi sempre uma presença firme e afetuosa, capaz de conjugar exigência com empatia, uma combinação rara, que a tornava (e continua a tornar ☺) uma referência para todos os que com ela trabalharam. O Professor Francisco Ferreira, com a sua inteligência prática, espírito construtivo e enorme sentido de humor, era alguém que trazia leveza aos desafios diários e que sabia como ninguém criar pontes entre pessoas e resolver problemas com humanidade. Nunca esquecerei a forma respeitosa e afetuosa como sempre me tratou, até hoje mantém o hábito de me cumprimentar com a expressão "Sempre a considerar", uma frase aparentemente simples, mas que para mim carrega um profundo valor simbólico. É uma marca do seu carácter e da sua forma elegante de reconhecer e valorizar o outro.

Ambos foram, para mim, faróis nesse início, num contexto que, apesar de pequeno, tinha já uma ambição imensa. O que aprendi com eles ultrapassa largamente o domínio técnico ou administrativo: foi uma aprendizagem de valores, de convivência e de compromisso com o outro, valores que, felizmente, continuam a ser parte do ADN da EAAD.

Ao Professor Carlos Bernardo, que à data era Vice-Reitor da Universidade do Minho e integrava a Comissão Instaladora e a Comissão Consultiva Externa do então Departamento Autónomo de Arquitetura, expresso uma gratidão muito especial. Recordo com admiração a sua postura sensível, atenta e profundamente humana, sempre marcada por uma notável capacidade de escuta, respeito e cuidado no trato com os outros. A sua presença era serena, mas firme, e a forma como se relacionava com todos, com

genuíno interesse, discrição e profissionalismo, marcou-me profundamente. Para mim, continua a ser um exemplo claro de liderança com empatia, rara e profundamente inspiradora. O seu modo de estar ficou gravado na minha memória como um dos testemunhos mais marcantes de humanidade e excelência que encontrei no percurso profissional, e é com carinho e reconhecimento que aqui o registo.

Ao longo destes 24 anos, a Escola de Arquitetura, Arte e Design tornou-se, para mim, muito mais do que um local de trabalho. É, sem qualquer hesitação, uma segunda casa. Sinto-me profundamente enraizada, amada e respeitada, por todos, sem exceção. O ambiente que aqui se vive é saudável, colaborativo e humano, e isso é mérito coletivo: cada pessoa, cada gesto e cada interação contribui para manter viva uma cultura de respeito mútuo, exigência construtiva e dedicação ao bem comum.

Tenho plena consciência de que o sentimento de pertença que hoje tenho resulta, em grande medida, dessa relação de confiança e de entrega mútua. Procuro dar o meu melhor todos os dias, com sentido de missão, alinhada com os objetivos e a visão da Escola, e com um cuidado muito especial pelo bem-estar dos alunos, que são, afinal, a razão de ser de toda a nossa atividade.

É com esse espírito que desempenho, com grande orgulho e envolvimento, o meu papel no Conselho Pedagógico da EAAD, uma área que me inspira diariamente e onde encontro um espaço de realização pessoal e profissional. O trabalho pedagógico é, para mim, um território de escuta ativa, de mediação, de cuidado e de construção conjunta. Nele tenho o privilégio de estar em contacto direto com docentes, estudantes, o que me permite ter uma visão alargada, sensível e próxima das necessidades reais da nossa comunidade académica.

Sentir que posso contribuir para melhorar a experiência dos nossos estudantes, ajudar a resolver dificuldades, promover o diálogo e fomentar o crescimento de uma cultura pedagógica de qualidade é algo que me motiva profunda-

mente. É também uma forma de retribuir tudo o que esta Escola me tem dado ao longo destas mais de duas décadas.

Outro aspeto que não posso deixar de destacar é o ambiente excecional que temos na equipa de staff. Sinto-me profundamente grata por fazer parte de uma equipa onde o respeito mútuo é a base de tudo: cada um tem o seu espaço, o seu ritmo e a sua forma de ser, e isso é valorizado e protegido. Mas quando surgem os momentos de maior exigência ou de pressão, é impressionante como todos se unem, colaboram e se entregam com generosidade e sentido de missão. Há um espírito de entreajuda genuíno, discreto e eficaz, algo que, sinceramente, considero raro de encontrar noutras Instituições. Esta equipa tem sido, para mim, um suporte essencial, tanto no plano profissional como humano, e tenho muito orgulho em pertencer-lhe.

O mesmo orgulho sinto por cada um dos docentes que integram o quadro da EAAD. Ao longo dos anos fui conhecendo-os, observando-os, escutando-os, e aprendi a reconhecer e a admirar a riqueza das suas personalidades, a diversidade das suas formas de estar e de pensar. Nunca os vi como um grupo homogéneo, mas sim como um conjunto de individualidades com valores e qualidades próprias. E é justamente nessa diferença que reside, a meu ver, uma das maiores forças da nossa Escola. Tenho o cuidado de diferenciar sem julgar, porque acredito que cada um contribui com algo único, e se pudéssemos reunir, simbolicamente, as virtudes de todos, teríamos algo imensamente precioso, um verdadeiro tesouro humano e académico.

Ao longo destes anos, tive também a oportunidade de assistir e, de certa forma, de participar em várias reestruturações académicas, especialmente ao nível dos planos de estudos e da criação de novos cursos. Cada mudança trouxe consigo desafios significativos, mas também oportunidades de crescimento e reinvenção. A EAAD soube sempre responder com coragem, espírito crítico e visão estratégica, adaptando-se ao contexto nacional e internacional do ensino superior, sem nunca perder a sua identidade.

Foi com entusiasmo que vi nascer, para além da Arquitetura, os cursos de Design de Produto e Artes Visuais e outros projetos formativos que ampliaram o horizonte da Escola e lhe trouxeram nova vitalidade. Estas novas áreas não só enriqueceram a oferta pedagógica, como também promoveram uma disciplinaridade mais rica e integrada, essencial numa escola criativa e orientada para o futuro.

As sucessivas reformulações dos planos curriculares, por vezes exigidas por alterações legislativas, outras vezes impulsionadas por reflexões internas, revelaram uma comunidade académica atenta, crítica e comprometida com a qualidade do ensino. Estive muitas vezes envolvida diretamente nesses processos, e sei o quanto exigem: escuta, negociação, cedência, planeamento e, acima de tudo, uma forte convicção de que estamos a trabalhar para os nossos estudantes e para uma formação mais completa, mais relevante e mais ajustada aos tempos que vivemos.

Por tudo isto, sinto, com verdade e sem hesitação, que a EAAD é uma parte indissociável de quem sou. Aqui cresci, amadureci, encontrei desafios e superações, mas sobretudo encontrei pessoas que me tocam todos os dias com a sua inteligência, dedicação, humanidade e criatividade. É essa diversidade de rostos, gestos e talentos que dá vida à nossa Escola e que continua a inspirar-me a dar o melhor de mim, todos os dias.

E se há algo que me move e me faz sentir feliz nesta casa, é ver o brilho nos olhos dos alunos quando se sentem valorizados, ouvidos e compreendidos. É ver a alegria genuína nos corredores, os abraços de reencontro, os sorrisos discretos de missão cumprida, a troca silenciosa de respeito entre colegas. Esse é o meu maior salário emocional. Essa é, verdadeiramente, a minha razão de ser aqui.

Espero que este texto seja lido não como um olhar nostálgico sobre o passado, mas como uma celebração da nossa identidade coletiva, da nossa caminhada comum, e do enorme privilégio que é fazer parte de uma comunidade académica com alma, com ambição e com coração.

Os testemunhos de
Eduardo Fernandes,
João Rosmaninho
e Lucinda Oliveira,
escritos em 2025,
foram compostos
pela Design by OOF
em caracteres Plantin
12/14, em outubro de
2025. Esta compilação
foi impressa em
risografia pelo Studio
Arco Ignis, em papel
Arena Ivory Rough
120g e capa em 250g,
numa tiragem de
150 exemplares.

EAAD'25
Testemunhos de
Eduardo Fernandes,
João Rosmaninho
e Lucinda Oliveira

Coordenação
Paulo Cruz

Edição
Escola de Arquitetura,
Arte e Design
Universidade
do Minho

Design editorial
Design by OOF

Tipo de letra
Plantin 12/14

Impressão risográfica
Studio Arco Ignis

Papel
Arena Ivory Rough
120g (capa em 250g)

Tiragem
150 exemplares

ISBN
978-989-35942-1-6

Guimarães,
outubro 2025

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Escola de Arquitetura, Arte e Design
1986-2021 Universidade do Minho